

MUSEU FREI GALVÃO ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ

1972 - 50 ANOS - 2022

CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ

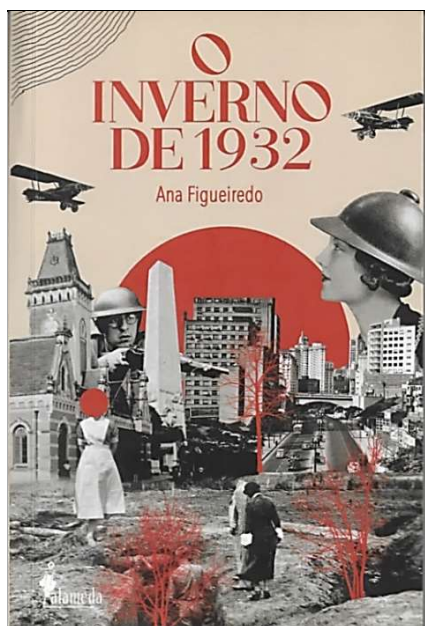
Pç. Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar - Centro - Tel: (12) 3122-3674

www.casadefreigalvao.com.br / museufreigalvao@yahoo.com.br

2023

nº 361

O INVERNO DE 1932



Capa do livro. 2022.

*“As lembranças passam
em filme mudo,
rápidas vão se sobrepondo
umas as outras”*

Ana Figueiredo.

Passados 90 anos da Revolução Constitucionalista de 1932, o livro documentário de Ana Figueiredo, datado de 2022, traz informações inéditas e pessoais sobre a época, a história e a memória do fato, com destaque para as cidades de Cruzeiro, Guaratinguetá, São Paulo e Passa Quatro, de onde veio a família da autora para morar em Guaratinguetá, no Vale do Paraíba Paulista.

A autora, Ana Figueiredo *“estudou medicina ficando longe, mas não deixou que o Vale saísse de sua vida. Ao final dos anos de 1970, se formou sanitária e abraçou a carreira de médica sanitária. Foi professora em graduação de Medicina e especialização em Saúde Pública. Em 2019 deu por encerrada as carreiras de médica sanitária e professora, e das publicações acadêmicas **O Inverno de 1932**, é sua estreia literária aos 70 anos”*.

O inverno de 1932 gira em torno de **Miguel**, seu irmão de 17 anos, ferido gravemente no Túnel da Mantiqueira, durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Ficou vários meses em coma, na Santa Casa de Cruzeiro, então transformada em “hospital de guerra”, até voltar sua consciência. O fato levou

a autora à São Paulo para um curso de enfermagem, para poder ficar junto ao irmão doente, até sua recuperação.

Ana Figueiredo foi apresentada à cidade de Guaratinguetá e sua paisagem, desde o Morro do Passarinho de onde ficou conhecendo as escolas e igrejas de Guaratinguetá e sua localização. A sua família identificava as praças da cidade como “o largo de cima – o da Matriz de Santo Antônio” e “o largo de baixo – o da Igreja do Rosário”, local onde foi colocada a estátua do Presidente Rodrigues Alves.

Relata a autora que *“a morte do Presidente abalou muito a população de Guaratinguetá, não se sabe se foi pelo contágio do vírus da gripe espanhola, embora tenha ocorrido durante o período da pandemia, ou se atribuía também ao agravamento de um problema cardíaco. Quando foi inaugurada sua estátua no centro da praça, ali já não existia mais o lindo coreto que ainda cheguei a conhecer, onde acontecia garbosa apresentações musicais, foi demolido em 1916”*.(p. 155).

Nas 383 páginas do livro estão opiniões, informações e conclusões sobre a Guerra Paulista e a maneira de viver na época. Sobre Guaratinguetá, narra a autora, sob o título “Tempos de Guerra no Vale do Paraíba”, à pg. 87:

“A Guaratinguetá que havia deixado menos de 48 horas antes pareceu-me estranha.

O comércio estava quase todo fechado no trajeto entre o bairro de Santa Rita, por onde acessamos a área urbana, até o final da Rua Feijó junto ao largo do Theatro, onde morava. Caminhões carregados com soldados atravessavam ruidosamente o calçamento irregular de paralelepípedos nas ruas centrais – me chamou atenção o grande número de casas de famílias vazias. O êxodo da cidade era evidente. Alguns partiram para a capital, outros para as cidades tidas como de retaguarda, fora da região do Vale do Paraíba, mais distantes do cenário dos conflitos armados. Muitos se dirigiam para as fazendas consideradas protegidas das linhas de fogo, sempre do lado leste do município.”

Na capa posterior do livro, a autora informa que

“Na minha ópera juvenil e alegre seriam acrescidos acontecimentos dramáticos, mudando o tom da composição operística para o das tragédias. A guerra paulista trazia destruição e morte, o trem da vida se convertera em comboio como presságio da morte, devolvendo o sentido de tragédia para a ópera na semelhança de suas originárias versões na antiga Grécia.

*Nos meus quase trinta anos, não sentira frio tão intenso como o de julho de 1932. Recordando já com distanciamento, tenho para comigo que ele cumpriu uma função protetora, amortecendo por congelamento a dor que vinha acumulando de tristezas e frustrações e que ali tinha seu ápice”. Analisando a obra, Maria Cristina da Costa Marques, conclui que “O romance histórico “**O inverno de 1932**” surpreende pela trama que apresenta com sensibilidade e ousadia a visão de mulheres sobre um acontecimento ainda repleto de sentidos e significações múltiplas. Manuela, Marina e Manuela, a bisneta, em tempos históricos diferentes, inter cruzam vivências amorosas, memórias e tradições inventadas. Apoiada em pesquisa histórica importante a autora não caiu em armadilhas de reinterpretações ou considerações intelectuais valorativas sobre*

a denominada e comemorada Revolução de 32, em São Paulo. No lugar, a crítica viva do cotidiano coletivo comum tomado pela brutalidade do conflito, da memória utilizada para interesses diversos e do fio condutor do amor geracional entre Manuelas. Por fim, um segredo guardado desde o inverno intenso e armado de 1932 se revela na forma de afeto. György Lukács, na obra *Romance Histórico*, aponta que ao gênero não deve interessar a narrativa dos grandes acontecimentos, mas fundamentalmente apresentar de forma poética as pessoas que vivenciaram essa experiência no tempo. Ana Figueiredo atendeu essa premissa”

Nota: O Museu Frei Galvão possui um exemplar de “**O inverno de 1932**”, oferecido pela autora à Diretora do Museu. Pode ser pesquisado e lido, pelo seu interessante conteúdo e valor como documentário da época da Revolução Constitucionalista de 1932.

Museu Frei Galvão – Arquivo Memória de Guaratinguetá
www.casadefreigalvao.com.br

Fonte de Consulta:

- FIGUEIREDO, Ana - O inverno de 1932. Alameda Casa Editorial. São Paulo, SP. 2022.